



BOUVIER, Pierre. *Aimé Césaire, Frantz Fanon: Portraits de décolonisés*, Paris, Les Belles Lettres, 2010, 280 pp.

Ariel Rolim
Universidade de São Paulo

Aimé Césaire, Frantz Fanon – doravante ACFF – é uma obra publicada na coleção “L’Histoire de Profil”, definida logo nas primeiras páginas como uma série “redigida por especialistas a quem a ilusão biográfica não mais assusta” (p. 3). Essa discreta advertência faz menção ao peso da obra bourdiana para os estudos de trajetórias e histórias de vida, bem como da análise de contextos (embora ele assim não o chame), por assim dizer, que na acepção conceitual bourdiana de “campo” permitiria realizar a passagem analítica entre a esfera do indivíduo e a do social. Como veremos, a proposta de Bouvier neste livro, embora não estabeleça qualquer diálogo explícito com Bourdieu – atendo-se, em sua maior parte, à literatura concernente aos seus objetos, seja a Aimé Césaire e Frantz Fanon, seja ao colonialismo francês (e em particular às Antilhas) –, volta-se precisamente para esse tipo de empreitada analítica num esforço de conjunção de seus elementos históricos e implicações conceituais através daquilo que o autor denomina uma “socioantropologia”. Os limites e alcances dessa alternativa, ou os méritos para a análise daquilo a que se propõe, são objeto desta resenha.

Bouvier faz um excelente resgate historiográfico de modo a constituir os elementos a partir dos quais montará sua análise. Baseando-se amplamente nos escritos de ambos os sujeitos de análise, Bouvier entrelaça a elaboração de suas ideias e a “tomada de consciência” com informações contextuais obtidas em arquivos públicos, relatos, e outras fon-



tes históricas do ambiente político e econômico, bem como transformações ocorridas na esfera intelectual relacionada à realidade colonial francesa e antilhana. Ambos nasceram na Martinica – Césaire em 1913 e Fanon em 1925 – e ambos são filhos de uma “classe média” crioula e alunos aplicados (iniciando-se no Lycée Schoelcher de Fort-de-France) galgando os degraus do sistema educacional colonial. Partilham, portanto, uma mesma base de experiência e são premiados por questões políticas, ideológicas e estéticas comuns. Bouvier persegue a questão de como as duas trajetórias se distanciaram e, nesse movimento – que aqui poderíamos chamar de triangulação – entre contexto, experiência íntima e ambiente intelectual, procura desvelar o mar efervescente das lutas e questões a elas relacionadas. Vejamos brevemente as trajetórias reconstituídas pelo autor.

Césaire, agraciado com uma bolsa de estudos secundários em Paris, envolve-se com o ativismo de estudantes negros na metrópole. Ali, estuda pedagogia na École Normal Supérieure e escreve seus primeiros ensaios em poesia e textos políticos acerca da “negritude”. Após esse período volta para a Martinica onde, envolvido com a política local, viveria pelo resto de sua vida. Engaja-se no partido comunista francês e logra vencer as eleições para a prefeitura. Premido pelos dilemas de sua posição política e por suas convicções íntimas, ansiando pela independência antilhana e pela libertação do “homem negro”, mas se confrontando com a letargia política e o conformismo dos que seriam capazes de se libertar, Césaire, o poeta, escreve. Vem, por fim, a defender a departamentalização de Martinica sob a égide da república francesa e abandona o PCF após participar do Primeiro Congresso de Escritores e Artistas Negros em Sorbonne, evento a que também compareceu Fanon. Césaire funda, então, o Partido Progressista Martiniquês e, ao longo da vida, destaca-se internacionalmente por sua obra literária e poética, vindo a falecer aos 94 anos, na Martinica.



Fanon, doze anos mais novo, toma outros rumos. Durante a ocupação nazista da França na Segunda Guerra Mundial, Fanon adere às forças gaullistas da “França Livre”. Engajado em batalha no norte da África e na metrópole, é ferido e condecorado por distinção. Após a guerra, cursa psiquiatria em Lyon com o auxílio de uma bolsa. À medida que realiza seus estudos, depara-se com as questões prementes do colonialismo e da discriminação pessoal. Aprofunda-se em filosofia, numa busca obstinada pela constituição de uma “identidade” coerente. Muda-se então para a Argélia, passando a exercer a função de médico psiquiatra. Casado, atinge um *status* consolidado e aufere, de certa forma, reconhecimento social. Em contato com uma intelectualidade negra na metrópole, que incluía personalidades como Senghor, Fanon se afasta definitivamente da Martinica e de seu futuro, localizando o potencial transformador das questões coloniais e raciais que o incitavam no continente africano. Confrontado com a realidade da cruenta luta de libertação ao exercer suas funções nos hospitais argelinos que recebiam tanto vítimas quanto algozes da violência sistematicamente desencadeada, Fanon convence-se cada vez mais do caráter inescapável da violência revolucionária para o desfecho das questões que, Bouvier nos mostra, iriam persegui-lo por toda a vida. Logo após participar do Primeiro Congresso de Escritores e Artistas Negros, Fanon demite-se de seu cargo, abrindo mão de uma carreira promissora conquistada a duras penas. Engaja-se mais uma vez em luta, desta vez contra a França, apoiando a resistência mahgreb. Fanon estreita o contato com outras lideranças do continente africano, efervescente pelo anticolonialismo, na medida em que a luta na Argélia e seu comprometimento com ela recrudesce. Seus escritos ganham destaque na nova arena de lutas que se desvela e seu discurso atua como um articulador político internacional para as demandas locais em ascensão. Como intelectual argelino “não natural”, mas por adoção à causa, Fanon torna-se a figura diplomática ideal nesse novo con-





texto e se envolve freneticamente na situação até sua morte prematura aos 36 anos, vítima de leucemia.

A proposta de Bouvier em ACFF consiste, antes de mais nada, na análise entrelaçada das trajetórias desses dois homens. O propósito do autor é, por meio desse expediente, transmitir uma dimensão mais ampla do ambiente colonial, da atmosfera política das lutas de libertação, da tomada de consciência de um corpo de intelectuais negros num movimento transnacional de construção de uma reflexão sobre a experiência comum de dominação e, com isso, dar a conhecer uma dimensão subjetiva da experiência vivida como negros às margens simbólicas e coloniais – o que ligaria Fanon a Césaire; os martiniqueses, antilhanos e africanos; a sociedade colonial e seus extremos metropolitano e “crioulo”. Essas conexões, assim pretendidas, inspiram-se menos no que seria uma abordagem bourdiana, que procuraria pensar os sujeitos como posições sociais num campo de disputa e circulação de capitais, e mais numa aproximação foucaultiana, por assim dizer, transformando os sujeitos de análise em “não sujeitos” enredados na malha de poder que os engolfa na violência colonial disseminada por uma rede de disciplinas sobrepostas e mutuamente implicadas – embora o esforço de Bouvier se faça no sentido de, nesse processo, eliciar e iluminar as subjetividades desses dois indivíduos. Na análise de Bouvier, o que testemunhamos, de um lado, é uma primazia da experiência subjetiva compartilhada e veiculada por discursos como elemento a ser objetivado – tendo o autor se pautado, principalmente, pelas passagens literárias correspondentes às questões íntimas relacionadas à dimensão mais ampla das lutas sociais nas quais Césaire e Fanon se envolviam. As trajetórias, assim, aparecem relacionadas a partir desse critério, e não segundo ordem cronológica – embora se deva ressaltar a primazia da análise da obra fanoniana em ACFF entremeada, não obstante, de interessantes contrapontos com Césaire. O estudo de Bouvier revela-se, portanto, principalmente uma





análise de fôlego da obra literária dos dois sujeitos com o objetivo de concatenar suas questões. De outro lado, nesse movimento, há uma identificação de tal atmosfera subjetiva partilhada com a própria esfera do social como sua corporificação e efetivação histórica. Assim, se numa análise bourdiana os discursos dos agentes devem ser separados da sua análise pelo pesquisador, que procuraria situá-los de acordo com os outros elementos do campo, para Bouvier são os próprios discursos que fornecem ao antropólogo a chave de entrada ao *corpus* de análise – tais discursos não aparecem como manifestações dos sujeitos enquanto seres sociais, mas como fruto da experiência subjetiva desses sujeitos enquanto catalisadores de seu ambiente social, compreendendo e conformando essa dimensão. Ou seja, *grosso modo*, embora Bouvier não explicitasse esse partido teórico (sendo ACFF uma obra estritamente analítica), como resultante de sua abordagem os sujeitos não aparecem inseridos em uma dimensão social, mas esta estaria replicada na elaboração de sua própria subjetividade. O discurso aparece, portanto, como uma depuração da experiência vivida e da formação da consciência política dos sujeitos, e os eventos políticos estariam fornecendo a contraparte dialética nesse movimento “socioantropológico”.

Como se vê, os eventos que poderiam ser considerados externos à trajetória política e às angústias subjetivas daí decorrentes, diretamente expressas nas obras de Césaire e Fanon, aparecem como elementos marginais na análise de Bouvier. Por exemplo, se por um lado dedica longa digressão a respeito da angústia que transparece nos textos de Fanon (notadamente *Peau noire, masques blancs*) ao se reconhecer como um negro num mundo de brancos, irremediavelmente marcado pelo próprio corpo como anátema, por outro lado, o nascimento de sua filha Mireille – fruto de uma relação com uma estudante branca enquanto estudava psiquiatria em Lyon – não merece mais do que duas linhas (p. 92),¹ sendo quase uma nota a passar despercebida, um detalhe subsi-





diário na abordagem de um Fanon que, enquanto catalisador da subjetividade socialmente relevante na análise de Bouvier, aparece mais como uma entidade abstrata que como um sujeito num dado contexto. O casamento posterior de Fanon com outra mulher branca, com a qual teve outro filho, não recebe muito mais atenção; o mesmo se aplica para os elementos análogos da trajetória de Césaire. Como testemunhamos no livro, Bouvier transita livremente através do que poderia ser considerado uma fronteira entre suas suposições analíticas e os discursos dos sujeitos analisados. Césaire e Fanon, eles próprios, fornecem os elementos a partir dos quais Bouvier irá compreendê-los (de fato, não há qualquer debate com quaisquer outras obras, teóricas ou historiográficas), partilhando um recorte político específico e uma seletividade que, em certos momentos, parece oriunda de um entusiasmo próprio.

De fato a análise do autor é perpassada, a todo o momento, pelos pressupostos de seus sujeitos de análise – o próprio livro adota uma linguagem propositiva da agenda ideológica em questão. Se isso em si não é ruim, ao menos atribui uma coloração não obrigatória (e já muito batida, diga-se de passagem) a eventos e conexões que poderiam talvez ganhar novos contornos e dimensões reveladoras a partir de outra abordagem. Por outro lado, ao colar a análise aos discursos, coloca-se mais um elemento para o qual se deve atentar na equação, não só devido a suas implicações metodológicas, mas à interrogação com relação à resistência da costura de dimensões tão díspares pretendida pela “socioantropologia” de Bouvier. No esforço de triangulação da subjetividade dos sujeitos analisados com as questões então em voga nas lutas sociais e nos ambientes políticos e ideológicos, além de endossar os discursos, compila-se o material privilegiando certas “coisas da lógica” em detrimento de alguma “lógica das coisas”.





REVISTA DE ANTROPOLOGIA, SÃO PAULO, USP, 2012, v. 55 nº 1.

Nota

- ¹ Não menciona, por exemplo, a referência corrente de como, apesar de reconhecer a criança, Fanon teria se negado a vê-la e a prover qualquer auxílio à mãe. Todavia, a veracidade e extensão de fato dessas alegações escapam ao meu conhecimento.



